

Meditações: XXIX domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

Reflexão para meditar no XXIX domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: oração perseverante; oração confiada; oração comunitária.

- Oração perseverante.
- Oração confiada.
- Oração comunitária.

.....

A SÚPLICA a Deus sem resposta, em muitas ocasiões, é-nos difícil de

aceitar. Habitados à imediatez que a tecnologia nos oferece, a espera torna-se árdua, pois parece-nos lógico que todo o desejo ou pedido seja satisfeito de imediato. Sem darmos por isso, este ritmo acelerado pode também moldar a nossa forma de nos relacionarmos com Deus e levar-nos a esperar d'Ele a mesma prontidão na resposta. No entanto, a vida dos santos revela-nos uma lógica diferente. Eles rezaram durante anos, ou até décadas, por grandes intenções, com a certeza de que a perseverança na oração dá sempre fruto, ainda que esse fruto nem sempre se manifeste de imediato nem da forma que esperamos. Assim, do coração de São Josemaria brotava muitas vezes a expressão cheia de confiança: «*Clama, ne cesses*»^[1]. Com estas palavras recordava que, ainda que a resposta divina possa demorar, a oração insistente abre sempre caminhos. Mais ainda, essa espera

pode ser ocasião para fazer crescer em nós o desejo daquilo que pedimos e para nos unirmos mais ao Senhor.

Porque é, então, tão difícil aceitar o silêncio de Deus como resposta?

Talvez por este motivo, Jesus conta a parábola do juiz injusto. Nela, o Senhor sublinha um aspeto concreto: «A necessidade de orar sempre sem desanimar» (Lc 18, 1). Para o ilustrar, apresenta o diálogo insistente entre um juiz poderoso – «que não temia a Deus nem respeitava os homens» (Lc 18, 2) – e uma viúva indefesa que lhe pedia com simplicidade: «Faz-me justiça contra o meu adversário» (Lc 18, 3). O juiz, cansado da sua insistência, acaba por aceder, não por sentido de justiça, mas para se ver livre dela. Com esta imagem, Jesus mostra que a perseverança na oração é essencial: deste modo manifestamos que o que pedimos não nasce de um capricho passageiro, mas de um desejo firme

de recorrer a Ele e de não desistir.
«Deus ouve o grito de quem o invoca.
Até os nossos pedidos hesitantes, que
permanecem no fundo do coração,
que também temos vergonha de
expressar, o Pai ouve-os e quer
conceder-nos o Espírito Santo, que
anima cada oração e transforma
tudo»^[2]—.

UMA VEZ explicada a necessidade da
perseverança, o Senhor indica
também qual é o fundamento da
oração: a fé. A verdadeira constância
nasce da confiança em Deus. A nossa
insistência não é fruto do egoísmo,
mas sim da fé na força divina. É
possível, no entanto, que a nossa
fragilidade nos leve a acreditar que
esse poder é relativo. Jesus percebeu
esse sentimento entre as pessoas do
seu tempo, e por isso exclamou:
«Quando voltar o Filho do Homem,

encontrará fé sobre a terra?» (Lc 18, 8).

Deus, por meio do seu Filho, quis abrir de par em par as portas do paraíso e derramar sobre a humanidade dons imensos. A única chave capaz de fazer descer essa graça é a fé. Assim o expressava São Josemaria: «Ouve-se às vezes dizer que atualmente os milagres são menos frequentes. Não se dará antes o caso de serem menos as almas que vivem vida de fé?»^[3]. Esta observação continua atual: o que muitas vezes falta não é o poder divino, mas a confiança.

Por isso, a santidade pode parecer-nos por vezes um caminho impossível. Reconhecemos que existe um abismo entre o que Deus pede e o que nós conseguimos alcançar com o nosso próprio esforço. A vida dos santos, pelo contrário, mostra-nos que o decisivo não é o muito que eles

fizeram, mas sim a fé que tiveram na graça divina. Essa foi a experiência de Santa Teresa do Menino Jesus: «Continuo a ter a mesma confiança audaz de vir a ser uma grande santa, pois não me apoio nos meus méritos – que não tenho nenhuns –, mas n’Aquele que é a própria virtude e santidade. Só Ele, conformando-se com os meus débeis esforços, me elevará até Si e, cobrindo-me com os Seus méritos infinitos, me fará santa»^[4].

ALÉM da perseverança e da confiança, a oração cristã tem outro traço característico: é comunitária. «Não obstante a prece do discípulo seja totalmente confidencial, nunca decai no intimismo. No segredo da consciência, o cristão não deixa o mundo fora da porta do seu quarto, mas traz no coração as pessoas e as

situações»^[5]. Quando os Apóstolos pediram a Jesus que lhes ensinasse a rezar, Ele transmitiu-lhes uma oração que sublinha, entre outros, este aspeto: o Pai-Nosso. Nela, invoca-se Deus como Pai, não para apresentar pedidos individuais, mas partilhados: venha a nós o vosso Reino, o pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas.

Deste modo, o diálogo com o Senhor vai configurando o nosso coração com o d'Ele. «Não se pode rezar a Deus como “Pai” – assinala o Papa Leão XIV – e depois ser duro e insensível para com os outros. Pelo contrário, é importante deixarmos transformar pela sua bondade, pela sua paciência, pela sua misericórdia, para refletir o seu rosto no nosso como num espelho»^[6]. Já desde os primeiros séculos, a comunidade cristã compreendeu a força desta dimensão comum da

oração. Um Padre da Igreja narra como, depois da proclamação do Evangelho na Missa, «todos juntos rezamos por nós... e por todos os demais, onde quer que estejam, a fim de que sejamos achados justos na nossa vida e nas nossas ações e sejamos fiéis aos mandamentos, para assim alcançarmos a salvação eterna»^[7].

Ainda hoje, a liturgia conserva esta mesma consciência. No rito da comunhão, a Igreja pede a Deus a paz e a unidade com uma súplica que resume a confiança de todo o povo de Deus: «Não olheis aos nossos pecados, mas à fé da vossa Igreja, e dai-lhe a união e a paz, segundo a vossa vontade». Esta oração, repetida em cada celebração eucarística, manifesta que a força da fé não é apenas individual, mas comunitária. E à frente desta família encontra-se a Virgem Maria, que abriu o caminho para toda a Igreja com o ato de

confiança mais fecundo da história:
«Faça-se em mim segundo a tua
palavra» (Lc 1, 38).

[1] São Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, n. 86.

[2] Francisco, Audiência, 09/12/2020.

[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 190.

[4] Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, *Obras completas*, ed. Monte Carmelo, Burgos, 2006, p. 139.

[5] Francisco, Audiência, 13/02/2019.

[6] Leão XIV, Angelus, 27/07/2025.

[7] São Justino, *Apologia I*, 65-67.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/meditation/
meditacoes-xxix-domingo-do-tempo-
comum-ciclo-c/](https://opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-xxix-domingo-do-tempo-comum-ciclo-c/) (18/01/2026)